

Um olhar social sobre a saúde dos pescadores tradicionais da localidade de Atafona, São João da Barra-RJ¹

A view on social health of the city of traditional fishermen Atafona, São João da Barra-RJ

Mariá de Oliveira Otal*
Graciete Ribeiro Coutinho**
Vicente de Paulo Santos de Oliveira***
Rogério da Silva Burla****

Este artigo discute a saúde dos pescadores tradicionais da localidade de Atafona/São João da Barra/RJ, apresentando-os dentro do seu cotidiano e problematizando as experiências vividas, levando em consideração as suas representações sociais, crenças e valores. A Organização Internacional do Trabalho considera a pesca como uma das mais desgastantes e perigosas profissões do mundo e o resultado do estudo sinaliza para a importância da busca de prevenção e debates mais frequentes sobre o tema, de modo a se evitarem agravos na saúde deste trabalhador, investindo-se em sua qualidade de vida.

This article discusses health conditions of traditional fishermen in the village of Atafona, São Joao da Barra, RJ. The study presents them in their daily life, and discusses their experiences taking into consideration their social representations, beliefs and values. The International Labour Organization considers fishing as one of the world's most stressful and dangerous professions. Their study indicates the importance of seeking preventive actions, and more frequent debates on the subject in order to avoid damages to the health of workers, thus improving their quality of life.

Palavras-chave: Pesca. Saúde do trabalhador. Representações Sociais.

Key words: Fishing. Health Worker. Social Representations.

A escolha de um Tema (Introdução)

Pensar em um tema relevante o bastante para ser original, em busca de conhecimento que possua significativa contribuição para o saber científico, não é tarefa

¹ Artigo fruto do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Pesca, Aquicultura e Ambiente vinculado à Diretoria do Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação do Campus Campos Centro, realizada na Unidade de Pesquisa e Extensão Agroambiental do Instituto Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil

* Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (2006). Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social, Direito e questões agro- ambientais; Especialista em Pesca, Aquicultura e Ambiente pelo IFF - Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil

** Enfermeira, Especialista em Pesca, Aquicultura e Ambiente pelo Instituto Federal Fluminense - Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil

*** Doutorado em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa, Brasil (2003). Coordenador do Núcleo de Pesquisa Aplicada Sudeste 01 na Política de Formação Humana na Pesca Marinha, Continental e Aquicultura Familiar / Portos e Navegação e Diretor do Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação do Campus Campos Centro do Instituto Federal Fluminense. Professor de ensino tecnológico do Instituto Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil

**** Engenheiro Agrônomo. Especialista em Piscicultura. Mestre em Engenharia Ambiental. Doutorando em Produção Vegetal - Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil

fácil; principalmente quando a pesquisa está associada com o ser humano e suas relações sociais. O início do processo de elaboração de pesquisa social esteve relacionado com uma questão que inquieta, faz pensar. Como bem coloca Alves (2000) apud Richartz (2006) “a gente pensa porque as coisas não vão bem”. E reflete, ainda, o referido autor: “Da mesma forma como os anzóis predeterminam os resultados da pescaria, os métodos predeterminam o resultado da pesquisa. Porque os métodos são preparados de antemão para pegar aquilo que desejamos pegar.” (ALVES, 2000 apud RICHARTZ, 2006).

O cotidiano da pesquisa costuma funcionar, desta maneira, com indagações iniciais que, algumas vezes, refletem resultados já estabelecidos e, em muitas outras, não; é preciso estar aberto a múltiplas possibilidades, mesmo com metodologias previamente estabelecidas. Aproveitando a analogia do autor citado acima, no seu texto “Pescadores e Anzóis”, a pescaria quer “fiscar” alguns objetivos já estabelecidos e, por isso, os métodos são como os anzóis pré-determinados, em que, muitas vezes, o que “desejamos pegar” não é satisfatório de acordo com os interesses envolvidos. Com essa reflexão, iniciamos a análise, com a firme certeza de que, mesmo com metodologias pré-estabelecidas, o resultado pode não ser o mais satisfatório, de acordo com o leitor do trabalho em questão. O que importa é o reconhecimento de que a produção de conhecimento deve provocar movimento e análises das mais diversas, em busca de ação, transformação e muitas outras inquietações e possibilidades interventivas.

A realidade da pesquisa com os pescadores tradicionais de Atafona também se iniciou com observações que apontavam para algumas suspeitas com relação ao cotidiano de trabalho dos sujeitos estudados: sequelas causadas por acidentes na atividade profissional, família numerosa para sustentar, alto índice de analfabetismo ou pouca escolaridade, intensa jornada de trabalho com baixa remuneração salarial, dificuldade de comercialização do produto, profissão passada de pai para filho e percebida como única possibilidade de sustento e estilo de vida, falta de tecnologia e de informação sobre a saúde.

Juntamente com estas observações, estava a questão da “valorização” por que tem passado a atividade pesqueira no Brasil; a questão da pesca especificamente, como meio de sobrevivência, de trabalho, de muitas famílias no Brasil está cada dia mais em evidência; a importância do cultivo de peixes no panorama do abastecimento alimentar, por exemplo, vem crescendo a cada ano, uma vez que a alta taxa de crescimento demográfico condiciona um aumento populacional, que poderá colocar em risco a oferta de alimentos, além de o peixe ser uma carne saudável, de alto valor nutritivo.

Existe, ainda, a influência da consideração da Organização Internacional do trabalho (OIT) que destaca a pesca como uma das mais desgastantes e perigosas atividades desenvolvidas pelo homem, pois os pescadores estão entre as categorias com os maiores índices de acidentes e mortes no trabalho, segundo a referida Organização, com cerca de 43 milhões de trabalhadores no setor em todo o mundo, a maioria atuando na informalidade e sem qualquer proteção social (OIT, 2009).

A grande preocupação, portanto, é de demonstrar um estudo que estimule ações e que não se atenha apenas ao campo das ideias, mas que deixe interrogações e, quem sabe, possa ser uma ferramenta de construção de projetos, análises e experiências. Busca-se, portanto, o fortalecimento dos pescadores envolvidos no estudo, visando maior aproximação destes com pesquisadores e com a visualização da sua vivência no trabalho, em busca de qualidade de vida, principalmente ligada à prevenção aos riscos de acidente destes trabalhadores do mar. A análise não pretendeu privilegiar o dado somente, mas a “história do dado” e sua significação na sua “experiência social”.

A escolha do “anzol” (Metodologia)

A escolha da arte de pesca dos pescadores a ser trabalhada se deu com a identificação de qual seria a de maior e menor periculosidade com relação a acidentes de trabalho, em uma conversa informal com o atual Secretário de Pesca de São João da Barra, Eleilton Meireles. Durante esta conversa os seguintes dados foram esclarecidos: a arte de pesca que deixa os pescadores mais expostos é a pesca de linha, espinhel e, segundo a referida autoridade, esta pesca corresponde aproximadamente a 20% da pesca total de Atafona. O Secretário informou que existem cerca de 500 pescadores em Atafona, sendo que 80%, ou seja, aproximadamente 400 pescadores do mar e 20% pescadores do rio. Portanto, existem cerca de 80 pescadores de linha em Atafona. Inicialmente a pesquisa iria se dedicar a pescadores de espinhel, com aplicação de 40 formulários de pesquisa, portanto, a aproximadamente metade da população trabalhada.

Algumas dificuldades foram encontradas, pois os pescadores não trabalham somente com uma arte de pesca, geralmente são várias para sobrevivência; e ficou definido que a pesquisa levaria em conta todos os pescadores (as) que se prontificavam a responder os formulários, sem que assim os limitássemos, em busca de que os envolvidos fizessem parte do trabalho, sem discriminá-los.

Foi utilizada a estratégia de aproximação dos moradores pescadores da área que foi selecionada para o estudo. Uma moradora apresentou as pessoas e a proposta de estudo era mostrada para cada um e, quando possível, eram aplicados os formulários de pesquisa nos envolvidos com o critério estabelecido anteriormente. Como Neto (1994, p. 55) propõe: “É fundamental consolidarmos uma relação de respeito efetivo pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade pesquisada”. A autora acentua ainda que, a aproximação deve ser gradual e “(...) pode ser facilitada através do conhecimento de moradores ou daqueles que mantêm sólidos laços de intercâmbio com os sujeitos a serem estudados” e foi justamente esta a questão buscada durante todo o estudo.

Como foi descrito anteriormente, a pesquisa de campo envolveu entrevista estruturada com utilização de formulário, tendo como foco principal as questões/ condições relacionadas com a saúde dos pescadores.

A metodologia utilizada na pesquisa baseou-se, portanto, nas técnicas quali-

quantitativas. Dessa forma, formulou-se uma análise visando compreender a população estudada em “todas” as suas dimensões, para caracterizar seu perfil. Associada a isso, a utilização de dados numéricos serviu de base para a análise. Como Baptista et al., (1997, p. 185) consideraram que “a abordagem quantitativa, quando não exclusiva serve de fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa. (...) A pesquisa quantitativa não deve ser oposta à pesquisa qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua.”

A utilização do método quali-quantitativo levou em consideração o método dialético que define a realidade como dinâmica, repleta de questões e contradições. Assim, a população em questão foi observada e analisada como sujeito histórico submetido a constantes transformações.

Considerou-se que a forma mais abrangente de apresentar o conceito de saúde fundamenta-se em ir além da conhecida e já não muito utilizada definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) que a expressa como o estado de completo bem-estar físico, mental e social (OMS, 1987) e não apenas a ausência de enfermidade. É evidente o caráter subjetivo dessa definição, pois é difícil quantificar o bem-estar. Além disto, pode-se falar em uma “nova ordem mundial”, desde a década de 80, inspirada no neoliberalismo que provoca uma marcante fragilização dos esforços para o enfrentamento coletivo dos problemas de saúde, ou seja, os “novos” paradigmas de saúde coletiva vão ser levados em consideração neste trabalho, aqueles ligados a contradições como: situação de doença x acesso a serviços de saúde; custo de tratamento x renda familiar; capacidade de trabalho x condições de trabalho.

Diante desses fatos, foi ressaltada a importância de uma avaliação da saúde dos trabalhadores pescadores da localidade de Atafona e, para isto, foi traçada uma análise clínica hematológica para detecção de possíveis doenças que podem estar relacionadas com o ambiente de trabalho. Foi realizado, então, um convite aos pesquisados para realização de alguns exames de saúde (hemograma completo, colesterol, glicose e triglicérides). Esta análise laboratorial, de cunho quantitativo, também está presente neste artigo. A proposta das análises visa identificar alguma enfermidade associada à atividade profissional, característica do profissional da pesca.

Para a realização destas análises foram utilizadas amostras de sangue coletadas e avaliadas pelo laboratório de análises OGA, localizado na cidade de São João da Barra-RJ. Foram coletadas 10 amostras de sangue para análises dos níveis de colesterol também conhecido como “gordura no sangue”, triglicérides, glicose e hemograma (contagem de eritrograma e leucograma). O método utilizado para mensurar a glicose foi o método Oxidase (automatizado); já para o colesterol, triglicérides e hemograma foi realizado o método enzimático colorimétrico (Automatizado) pelo Cobas Mira Plus CC-Roche.

O anzol foi escolhido e algumas “surpresas” foram encontradas “no meio do caminho”, ou será que não são tão surpresas assim? Conhecer um pouco do cotidiano da vida dos pescadores tradicionais da localidade de Atafona e as possíveis implicações

na saúde destes trabalhadores, em busca de construção de conhecimento, mas também de aprendizado com os conhecimentos encontrados, já construídos pela população em questão, qualificou certamente, esta ‘pescaria’.

Com as primeiras escolhas definidas, deu-se início às atividades pertinentes ao trabalho de campo, uma das etapas consideradas como mais interessantes e desafiantes da pesquisa, nesta etapa, percebe-se o real sentido dos questionamentos, e define-se a dinâmica do trabalho a ser desenvolvido. Ou seja, tudo o que foi estudado, ganha vida na frente do pesquisador. Etapa ainda que apresenta muitas vezes, obstáculos que podem dificultar e, até mesmo inviabilizar, a pesquisa. No caso da pesquisa em Atafona, foi planejada a aplicação de 40 formulários, mas foram aplicados 32, pois a aplicação foi confundida com outra pesquisa que está sendo realizada na região e os pescadores não se mostraram mais dispostos a colaborar com as informações, por medo de perderem o defeso.

Os caminhos até o peixe chegar à mesa (Resultados e discussão)

Estudo socioeconômico

Quem são os pescadores tradicionais da localidade de Atafona? Esta foi a pergunta inicial focalizada em busca da identificação pessoal e da vida familiar dos envolvidos, e a resposta obtida confirmou um dado já conhecido: a atividade pesqueira é um campo de trabalho em que predomina a presença de homens. Não conseguimos entrevistar nenhuma pescadora e/ou marisqueira e quando perguntávamos para os entrevistados sobre a existência de pescadoras na região, eram lembradas pescadoras do passado, mas nenhum dos pesquisados soube dizer se existem ou não pescadoras do sexo feminino na região. Um diagnóstico realizado recentemente na mesma região estudada, pela LLX e ONG EcoAnzol (Diagnóstico de Escolarização da comunidade pesqueira de São João da Barra-RJ), justificou a pouca quantidade de mulheres entrevistadas da seguinte maneira: “(...) ao longo do tempo, elas ocuparam atividades que se localizavam essencialmente na terra, em contraposição ao homem que vai ao mar e é responsável direto pelo sustento da família” (LLX & ECOANZOL, 2010, p. 23).

A questão do sustento da família foi outra situação identificada. A maioria dos entrevistados (65,5%) sustenta a família somente com a pesca e com o trabalho do pescador, apesar da grande quantidade de pessoas que vivem nas casas dos entrevistados. Somente 3,1% dos entrevistados residem sozinhos. Todos os demais moram com suas famílias e são casados (31%) ou na sua maioria, conforme denominações dos mesmos são “juntados” (38%), seguidos de 25% solteiros e 6% separados.

Mais da metade dos pescadores entrevistados (69%), portanto, constituem família e se apresentam como Ramalho (2006, p.101) demonstrou no seu estudo sobre “o povo do mar”: “a família é o alimento e o fortalecimento dos laços de solidariedade

para enfrentar as desventuras na pesca e na vida, marcada por dificuldades na terra, numa constante reciprocidade e cooperação, assim, praticamente tudo na pesca tem o toque do elo familiar”. O fortalecimento da família e do trabalho está muito presente na fala dos pescadores. Um deles, durante a aplicação do formulário, destacou a questão da seguinte maneira: “um sempre ajuda o outro. O dever do homem é trabalhar, trazer dinheiro em casa e ser pai de família para dar respeito em casa. A gente divide a pinga, a rede, só não divide a muié, a gente tem moral”.

Os novos arranjos familiares e o que é tradicional “conversam” no mesmo espaço. O padrão “ideal” de família está presente no imaginário desta população e se mostra como um modelo, simbolizando orgulho nos homens pescadores; o lugar de homem e o lugar de mulher estão bastante demarcados. Apesar de muitos não conseguirem este modelo “ideal”, é isto que estão buscando: “eu sou juntado, mas um dia vou casar certinho! Minha esposa me ajuda muito lá em casa. Eu é que sustento, trago dinheiro para dentro de casa e com a pesca!” (palavras de um dos pescadores entrevistados em Atafona). Sarti (2003, p. 85) define estes muitos arranjos familiares, em seu livro “A família como espelho” como sendo da família “ (...) aqueles com que se pode contar, isto quer dizer, aqueles que retribuem ao que se dá, aqueles para com que se tem obrigações. São essas redes de obrigações que delimitam os vínculos, fazendo com que as relações de afeto se desenrolem dentro da dinâmica das relações.” (SARTI, 2003, p. 85)

Em relação à idade identificamos algumas variações: 41% encontravam-se na faixa de 31 a 40 anos de idade; 28% de 18 a 30 anos de idade; 25% entre 41 a 50 anos de idade e apenas 6% com idade acima dos 50 anos de idade, o que correspondeu, este último dado, a 2 dos entrevistados. A maioria dos pescadores entrevistados está em idade produtiva, mas alguns já não mais trabalham com a pesca e isto não é um dado difícil de ser encontrado em populações como esta. Em um estudo dos “Aspectos sobre Saúde, Ambiente e Representações Sociais na População de Porto Rico, Paraná” (BERCINI, 2002), o autor informa que a partir dos 30, 40 anos de idade (plena atividade produtiva), os pescadores já começam a apresentar problemas de saúde que os impedem de trabalhar por longos períodos, devido às características peculiares com o trabalho da pesca:

Eles são submetidos desde adolescentes a trabalhos físicos pesados, expostos ao frio, à chuva, à água fria do rio e das lagoas, ao sol, a animais peçonhentos, dormindo e alimentando-se mal. (...) A pesca é causa de vários problemas de saúde, que com o passar dos anos, vão trazendo como conseqüências dificuldades no próprio desempenho daquela atividade. Dores nas pernas e nas costas, muito frequentes, vão se intensificando ao longo do tempo de tal forma que os pescadores já não conseguem mais pescar, instalando-se, desta forma, um círculo vicioso, no qual as condições de trabalho determinam as condições de saúde e vice-versa. (BERCINI, 2002, p. 221)

A maioria dos entrevistados começou a trabalhar na pesca quando muito jovens.

Somente dois dos entrevistados (6%) iniciaram atividade pesqueira na vida adulta (a partir dos 18 anos de idade), enquanto que 25% enquanto crianças (até 11 anos de idade) e 69% na adolescência (de 12 até 18 anos incompletos). Tomando como base o que está posto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz” e o Art. 69 do ECA mostra ainda, que “o adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros: I - respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento; II - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho”.

Além da inserção no mercado de trabalho precoce, nesta população, percebe-se a baixa escolarização que acaba estando diretamente relacionada à questão da interrupção na vida escolar para trabalhar. Um dos entrevistados relatou a seguinte percepção, ao ser questionado sobre a sua escolaridade: “tive que parar de estudar muito cedo para trabalhar. Era uma questão de sobrevivência. A gente trabalhava para ajudar no sustento”.

A escolarização do público alvo da pesquisa vem sendo debatida em diversos locais e esta população vem sendo caracterizada culturalmente como aquela que “não gosta de estudar” ou que não “tem estudo”. Alguma dessas expressões foram usadas durante a aplicação de formulários, mas somente 9,4% falaram que só sabem escrever o nome e somente 6,2% disseram ter concluído o atual Ensino Médio. A maioria dos entrevistados (43,8%) estudou até a 4ª série, o que corresponde ao Ensino Fundamental 1, seguido de 40,6% que disseram ter estudado até a antiga 8ª série (atual Ensino Fundamental 2). Identifica-se que a escola continua sendo alvo de pouco acesso para essa população. O já citado diagnóstico da escolarização da comunidade pesqueira de São João da Barra apresenta dados de que, no Brasil, pelo menos 48% dos mais de 100 mil trabalhadores que receberam Seguro Defeso, em 2004, são comprovadamente analfabetos e também, segundo este diagnóstico, a maioria dos entrevistados estudou até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental (LLX & ECOANZOL, 2010).

Esta realidade está presente também nos números nacionais, pois de acordo com o Recadastramento dos Pescadores do Brasil, realizado pela SEAP/PR (2006) apud Viana (2009) a situação está muito semelhante, em nível regional e nacional, até mesmo em relação aos estados que apresentam grandes incentivos para pesca, como Santa Catarina e São Paulo, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 - Nível de Escolaridade dos Pescadores do Estado de Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro

Estado	Escolaridade						
	Analfabeto	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio incompleto	Médio completo	Superior incompleto	Superior completo
Rio de Janeiro	391 (2,94%)	9.979 (75%)	1.199 (9,01%)	637 (4,79%)	988 (7,43%)	75 (0,56%)	36 (0,27%)
São Paulo	520 (3,22%)	10.854 (67,14%)	1.845 (11,41%)	949 (5,87%)	1.722 (10,65%)	108 (0,67%)	169 (1,05%)
Santa Catarina	906 (3,64%)	17.369 (69,69%)	3.037 (12,19%)	1.264 (5,07%)	2.072 (8,31%)	174 (0,7%)	100 (0,4%)

Fonte: Adaptado de SEAP/PR (2006) apud Viana (2009)

Este cenário tem indicado a precarização dos pescadores com relação à Educação Básica o que não é muito diferente da realidade do restante da população brasileira. O Diagnóstico do setor Pesqueiro do Estado do Rio de Janeiro, mostra em seu recadastramento (VIANA, 2009, p. 34) que “apesar de existirem Programas de Alfabetização específicos, como o Programa Pescando Letras (SEAP/PR)/Brasil Alfabetizado com certa flexibilidade de horários e intensificação da carga horária durante os períodos de defeso, estes não encontram público no grupo dos pescadores”. A grande dificuldade tem sido a de que os pescadores passam muito tempo no mar e, quando chegam, somente querem se dedicar a atividades de descanso e lazer e se mostram com dificuldades de adaptação com a sala de aula. Um dos entrevistados relatou as seguintes inquietações com relação a este tema: “não tem como moça! A gente ficar parado dentro de uma sala. Já passei dessa idade, agora só preciso sustentar a família”.

Nota-se, no entanto, que o nível de escolaridade com relação a aqueles que tiveram acesso à educação formal é bastante baixo, o que dificulta o acesso à profissionalização que exige a prerrogativa de um grau de escolaridade mais elevada. De acordo com SETEC/MEC (2009), a escolarização ampliaria a visão destes trabalhadores com relação aos cuidados necessários para o desenvolvimento de suas atividades laborais. Busca-se a necessidade de investimento de pesquisas aplicadas que promovam a inovação e “soluções técnicas e tecnológicas” para situações concretas. O grau de escolaridade dos trabalhadores em questão implica consequências diretas nas condições de trabalho, saúde, na profissionalização e na legalização da atividade.

O Relatório do Índice de Desenvolvimento Humano-IDH, para o ano de 2010, mostrou a educação e o conhecimento como fatores que aumentam as possibilidades das pessoas e como importante valor instrumental no aumento das liberdades e resistência na exploração:

O conhecimento promove a criatividade e a imaginação. Além do seu valor intrínseco, tem ainda o importante valor instrumental na expansão de outras liberdades. Ter uma educação capacita as pessoas para avançarem nos seus objetivos e resistirem à exploração. As pessoas com educação estão mais conscientes de como evitar riscos para a saúde e viver uma vida mais longa e confortável. Tendem também a ganhar salários mais elevados e a ter melhores empregos. Muitos pais sem educação valorizam a escolarização porque acreditam que a educação permitirá aos seus filhos e filhas ultrapassar as indignidades que as suas famílias enfrentam. (PNUD, 2010, p. 39).

Esta realidade foi encontrada também nos pescadores de Atafona. Muitos enfatizam como prioridade os estudos dos seus filhos e incentivam para que estes permaneçam na pesca somente no último caso. Além disto, atualmente, há uma intensa valorização do estudo para conseguir um “bom emprego no porto do Açú”. O já citado Diagnóstico da Escolarização da comunidade pesqueira de São João da Barra (LLX

& ECOANZOL, 2010, p. 55) demonstra que um dos pontos observados para que a maioria dos pescadores que iniciaram um programa educacional, não conseguissem se manter na escola por muito tempo, se deveu ao “fato que se justifica diretamente no baixo nível econômico, onde é relevante a necessidade de se priorizar a subsistência, e a maioria começa a pescar ainda muito cedo, em atividades desenvolvidas através de know-how tradicional, transmitida de geração em geração (...)”.

Com relação à renda familiar, os entrevistados se declaram em uma situação bastante vulnerável: 43,8% disseram viver mensalmente com uma renda entre 1 e 2 salários mínimos, 34,4% disseram viver com até 1 salário mínimo, 15,6% relataram receber mensalmente cerca de 3 a 4 salários mínimos e somente dois entrevistados (6,2%) informaram que recebem mensalmente acima de 4 salários mínimos. Além disto, os entrevistados mostraram uma incerteza na informação sobre a renda mensal, pois segundo os mesmos, “tem mês que dá muito peixe, mas tem vez que não dá nada”, priorizamos a análise dos números relacionados aos relatos de quando “a pesca está boa”.

A análise está voltada, portanto, para pescadores artesanais, tradicionais da localidade de Atafona. A pesca artesanal no Brasil está ligada a correntes étnicas que formaram as comunidades litorâneas indígena, portuguesa e a negra (CLAUZET et al., 2005). Na síntese da situação extrativa marinha do Brasil, de Neto e Marrul Filho (2003), a pesca artesanal é apresentada como uma prática de subsistência desde os tempos mais antigos, mas informou também que esta atividade passou a ser encarada como atividade nacional em 1765, quando a Coroa Portuguesa regulamentou a pesca da baleia no Brasil.

Os pescadores artesanais são descritos como aqueles que trabalham sozinhos e/ou utilizam mão-de-obra familiar ou não assalariada na captura e no desembarque de toda classe de espécies aquáticas, sendo que exploram ambientes ecológicos localizados próximos à costa, realizando as capturas por uso de técnicas de reduzido rendimento relativo e voltando sua produção total ou parcialmente para o mercado (DIEGUES, 2003 apud CLAUZET et. al., 2005, p. 363).

Atualmente, estudiosos brasileiros têm começado a produzir trabalhos que acenam para uma sociologia e antropologia das comunidades marítimas, valorizando questões não somente econômicas, mas também as referentes a valores e ideologias culturais, advindas das relações com o mundo natural e com a sociedade mais ampla, em nível regional e nacional. Diegues (1999) acentua a importância dos estudos culturais, assim como os econômicos, já que, estas populações possuem um acúmulo bastante interessante de conhecimento tradicional “perpetuados” ao longo do tempo. A influência de outras culturas e suas técnicas pesqueiras vem acontecendo ao longo da história.

Em diferentes tempos e espaços, “o mar tem fascinado as mais diversas culturas” e favoreceu a ampliação de saberes relacionados à prática pesqueira:

As faculdades aguçadas dos indígenas lhes permitiam notar exatamente os caracteres genéricos de todas as espécies de seres vivos, terrestres e marinhos, assim como as mais sutis mudanças dos fenômenos naturais tais como o vento, a luz, as cores do tempo, as ondulações das vagas, as variações das ressacas, as correntes aquáticas e aéreas. (HANDY; PUKUI, 1958 apud DUARTE 2010, p. 86).

Este conhecimento tradicional tem a ver com uma complexa atividade de percepção do indivíduo, que deve ser considerada e valorizada entendendo-se que ninguém melhor do que aqueles que vivenciam o cotidiano das atividades, no caso, a pesca, para mostrar uma importante sabedoria tradicional que deve ser valorizada. Essas comunidades tradicionais, como são chamadas as comunidades de pescadores artesanais, possuem profundos conhecimentos do cotidiano vivido por eles e isto se mostra no vínculo com estes locais (DIEGUES, 2002 apud PAIOLA; TOMANIK, 2002). A maioria dos pesquisados é nascida na região e em suas redondezas. O local mais distante relatado foi o município de Niterói, citado por um dos pescadores.

De acordo com Santos (2008, p.126) a antiga “Barra de São João da Paraíba do Sul” (atual município de São João da Barra), teve como donatário Pero de Góis da Silveira, que ficou responsável pela região edificando uma vila, chamada “Vila da Rainha”, localizada poucos quilômetros acima da foz do rio Itabapoana; porém depois de sofrer diversos ataques dos índios goytacazes, a Vila foi abandonada. Existem registros de que em 1922, um grupo de pescadores deixou Cabo Frio e seguiu para o local onde hoje está erguida a igreja de Nossa Senhora da Penha, em Atafona. Ao chegar à localidade, este grupo percebeu que a pesca era farta resolvendo, então, permanecer nesta região, onde foi fundado um povoado pelo pescador Lourenço do Espírito Santo. Segundo o documento, ainda, o nome Atafona é de origem indígena e significa moinho de vento e o local possui o segundo maior delta do país e o terceiro clima medicinal do mundo.

A Prefeitura de São João da Barra (2006) demonstra que, no processo de urbanização das regiões Norte e Noroeste Fluminense, São João da Barra se responsabilizou por ser um porto construtor de navios e embarcações, exportadores para outras regiões. Segundo o documento, a praia de Atafona, balneário localizado na foz do rio Paraíba do Sul, tem população veranista que aflui intensamente no verão e muito pouco no inverno. Nesta localidade, está instalado o terminal pesqueiro do município e, desde a década de 50, o encontro do rio Paraíba com o mar vem sofrendo um processo erosivo em sua linha de costa. Este processo reorienta a ocupação do território, desvalorizando as terras mais próximas do local da erosão e induzindo à procura para as terras mais ao sul. “Enquanto a população local arca com a perda de bens imóveis e também com parte de sua história, o fenômeno da erosão provoca curiosidade, a ponto das casas semidestruídas serem alvo de visita turística”.

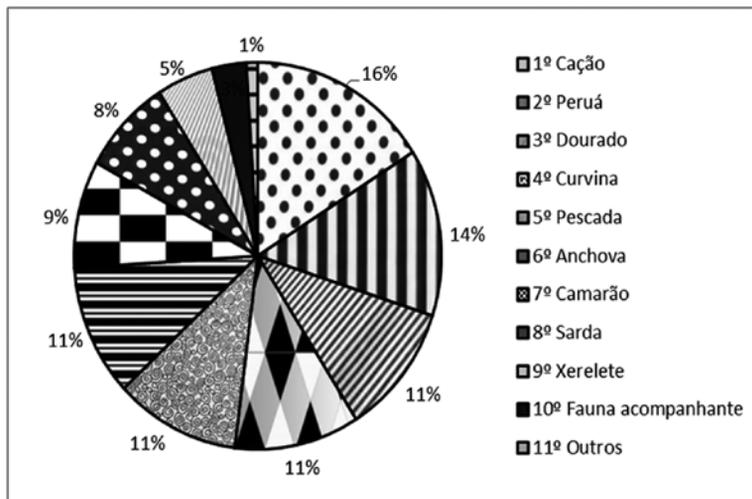
O documento em questão, destaca ainda, que este fenômeno fez com que se criassem loteamentos, com o objetivo de abrigar a colônia de pescadores e devido a este

fato, surgiram loteamentos não cadastrados e não regulamentados pelo poder público. Há também outro fenômeno: os desmembramentos sem autorização da Prefeitura, aumentam a taxa de ocupação de uso do solo. A maior ocorrência de ocupações informais de baixa remuneração apresenta consequências como estas que “geram”, “novas” questões sociais bastante complexas.

Pesca

Segundo estudo de Di Benedito (2001), a região pesquisada se mostra como bastante rica no que diz respeito aos recursos pesqueiros e à utilização de artefatos diversos de pesca. A autora destacou em seu levantamento as seguintes espécies: peruá, corvina-branca, cação e camarão sete barbas. As pescas mais citadas nas entrevistas com os pescadores foram as relacionadas com os seguintes pescados: Cação, Peruá, Dourado, Curvina, Pescada e Anchova (Figura 1).

Figura 1 - Pescados mais capturados pelos pescadores artesanais de Atafona, São João da Barra, RJ



Fonte: Dados do trabalho.

Entre a saúde e a doença

O que significa saúde para você? Esta foi uma indagação formulada aos pescadores e suas respostas tiveram os seguintes destaques: “É trabalho, é poder ir para o mar”; “É tudo na vida”; “É estar com o corpo bem, não sentir nada”; “É viver em paz”; “É qualidade de vida”; “É uma bênção de Deus”. Este perfil foi associado de maneira bastante significativa ao trabalho, já que 47% citaram nesta indagação a palavra trabalho na sua resposta. Os pescadores entrevistados mostram nas suas verbalizações, ainda, que a saúde está muito ligada à doença nas suas vidas; ao falar de saúde havia uma

retomada à questão da doença que aparece com bastante peso nas suas declarações; os entrevistados associam a saúde à doença rapidamente nos seus discursos, o que mostra uma representação de processo, ou seja, a saúde é evidenciada como um processo.

As concepções sobre a promoção-saúde-doença-cuidado, portanto, estão presentes em suas verbalizações e expressam representações sociais construídas no local em que vivem e permitem a formulação de um “conceito” baseado no que é comumente falado, no seu cotidiano de representações sociais.

Dentro de uma visão com várias dimensões (física, psíquica, espiritual e social) do processo promoção-saúde-doença-cuidado presente nos relatos dos pescadores, a noção de saúde vai além da simples ideia de ausência de doença, pois envolve bem-estar, alegria de viver, felicidade, enfim, a própria vida revelando a forte presença de sentimentos naquelas concepções. A saúde aparece, então, como um dos elementos mais importantes da vida, sem a qual as pessoas não podem trabalhar e não conseguem garantir a própria sobrevivência e de sua família.

De acordo com Lane & Codo (2001) em seu texto “Linguagem, pensamento e representações sociais” a influência do que é de um grupo nas representações sociais dos indivíduos, ocorre da seguinte maneira: “(...) os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um ‘sentido pessoal’, ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo” (LANE; CODO, 2001, p. 34); as pessoas são muito do que falaram para elas desde que nasceram, durante a vida, ou como diria o filósofo Ortega y Gasset, em *Meditações do Quixote* (1967, p.52) : “eu sou eu e as minhas circunstâncias”² e é isso que caracteriza alguma situação, ou grupo social ligado ao que é tradicional.

O que está relacionado com questões psíquicas se mostra bastante, nas falas de alguns pescadores que relatam a saúde como condição para poder trabalhar todos os dias e viver com tranquilidade. Percebe-se que a questão emocional está presente em algumas informações, como a preocupação com a dificuldade econômica de se prover, de dar sustento à família; a ansiedade, o estresse e a insônia foram das mais citadas doenças pelos pescadores entrevistados. A saúde foi apresentada como algo muito rico e, segundo eles, quem a possui está disposto a enfrentar qualquer dificuldade que se apresente na vida, com o “estar bem”, com paz, felicidade; “(...) pode-se observar a dimensão física deste processo, isto é, o indivíduo precisa estar bem fisicamente, ter força para trabalhar, desta forma ele é considerado saudável. (...) verifica-se a preocupação com o cuidado dos filhos, revelando a dimensão social desse processo.” (BERCINI, 2002, p. 221).

A saúde se mostrou também ligada intimamente com algo que é de Deus, “uma bênção” e relacionado com a Fé em algumas falas, demonstrando um lado espiritual da questão da saúde. Segundo Queiroz (1993), as famílias trabalhadoras possuem uma representação ancorada no pensamento religioso em que a Fé, não importando com que religião está ligada, vem trazendo conforto, resignação e esperança para enfrentar

² Expressão utilizada na *Ontologia do Homem* que se delinea na filosofia de Ortega & Gasset (KUJAWSKI, 1984).

os problemas de saúde da família. Esta visão, segundo este autor, demonstra uma visão fatalista do mundo reduzindo a responsabilidade dos indivíduos sobre sua própria saúde; “As representações sociais de saúde-doença revelam todo o imaginário, sobretudo acerca da vida em geral, já que para as participantes não é possível separar os aspectos físicos, psicológicos, espirituais, sociais, econômicos e ecológicos do processo, pois eles são inter-relacionados e interdependentes.” (QUEIROZ, 1993, p. 276).

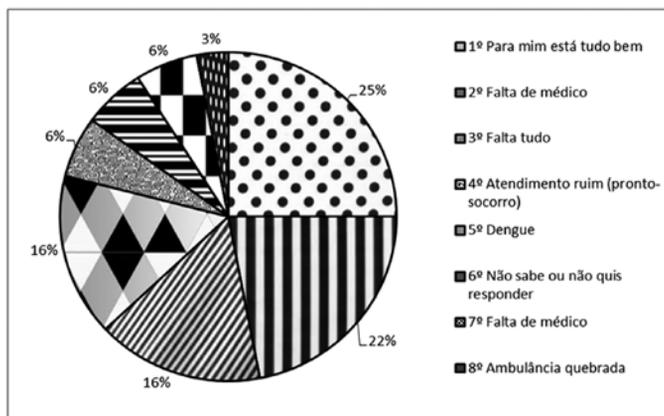
Em alguns casos, ocorreu até o medo de se falar sobre o assunto saúde, de estar doente: “Está doido! Nunca fiz exame não! Não gosto de procurar médico, vai que eu tô com uma doença grave, eu preciso sustentar minha família. E dinheiro para se cuidar? Não dá para cuidar da saúde. É melhor nem procurar saber se estou doente ou não, tá bom como tá” (relato de um dos pescadores entrevistados). Quando perguntados com relação à última vez em que foi realizado um exame de saúde, 25% relataram que nunca haviam realizado um exame de saúde ou que nunca haviam procurado um médico. Os outros entrevistados tinham realizado exames, sendo que 40% há menos de um ano, 32% há mais de 5 anos e 3% dos entrevistados não sabiam ou não queriam responder a pergunta. Alguns entrevistados relataram que há pouco tempo aconteceu uma campanha da saúde da família no município estudado, que estimulou os moradores a fazerem exames em busca de saúde.

As autoras Peres & Barbosa, (2008) demonstram que categorias relacionadas com o “adoecer” e os processos de cura são pensadas dentro de categorias entendidas como representações simbólicas advindas do contexto sociocultural em que estas populações tradicionais se inserem.

(...) é possível avançar nesta reflexão considerando o ambiente vivido e construído pelas pessoas como agente criador de doenças. Porém, o adoecer não se trata de uma dimensão estática, o processo é dinâmico e heterogêneo. A singularidade dessa compreensão transcende a questão da oferta dos serviços eruditos em saúde e estruturam redes complexas de interações e de simbolizações sobre a existência humana, sobre o meio ambiente, sobre as próprias doenças. (PERES; BARBOSA, 2008, p. 19)

Com relação a esta oferta de serviços de saúde, os questionamentos são variados, mas um número significativo dos pescadores entrevistados (25%) demonstraram estar satisfeitos com a questão da assistência à saúde na localidade, relatando que está tudo bem, sendo que 22% se queixaram da falta de atendimento de algumas especialidades médicas e outros 16% estão totalmente insatisfeitos (Figura 2).

Figura 2 - Percepção dos pescadores artesanais da localidade de Atafona, São João da Barra/RJ a cerca da situação do atendimento público de saúde



Fonte: Dados do trabalho

Percebe-se, portanto, que somando-se os problemas efetivos relacionados à saúde, 69% dos entrevistados demonstraram estar insatisfeitos com algumas questões relacionadas, tais como: falta de médico, falta de remédio, atendimento ruim, a dengue etc. É importante lembrar ainda, que 6% não sabiam ou não queriam responder à pergunta relacionada com a Figura 2.

A dengue apareceu também como a doença infecciosa mais citada dentre os entrevistados. A citada doença (dengue) é um dos principais problemas de saúde pública no mundo e a OMS estima que, entre 50 a 100 milhões de pessoas, se infectem, anualmente, em mais de 100 países de todos os continentes, com exceção somente da Europa. O referido diagnóstico informou, ainda, que cerca de 550 mil doentes necessitam de hospitalização e 20 mil morrem em consequência da dengue (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012) e que a Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil – SESDEC, do Estado do Rio de Janeiro notificou, em 2008, 255.818 casos de dengue, com 252 óbitos confirmados (TCE/RJ, 2011). No caso do município de São João da Barra, o documento demonstrou que foi um dos municípios que não assinou o Pacto de Gestão, componente do Pacto de Saúde. Trevisan & Junqueira (2007) demonstraram com relação a este “Pacto de Saúde” que:

(...) a formulação desse pacto facilita a identificação de situações essenciais tanto para o gestor do sistema, como para os trabalhadores da saúde e, claro, para o usuário da rede. O aspecto mais relevante da arquitetura do pacto de gestão é o que permite identificar critérios de necessidades para o bom funcionamento do sistema. É só no âmbito de um “pacto” que é possível, realmente, perceber, prever e administrar o risco à saúde individual e coletiva. Os determinantes sociais e a visão positiva da saúde emergem com mais eficácia na lógica de um “pacto” e não da gestão por instância de poder, ainda que integradas. É preciso deixar bem claro que não existe o doente

federal, estadual, municipal ou comunitário. Existe o cidadão que está exercendo o direito constitucional de ter acesso à saúde, que o sistema único deve oferecer. (TREVISAN; JUNQUEIRA, 2007, p. 894)

A questão das dificuldades específicas de atendimento de saúde pelo poder público e o receio de ficar doente, está também presente na pesquisa de BERCINI (2002) em que as famílias dos pescadores do estado do Paraná mostraram medo de que, estando doentes, além de não poderem exercer de maneira plena as funções de trabalho, sustento e cuidado com os filhos, e demonstraram ainda, uma situação característica desta população, qual seja, a dificuldade de se oficializar a atividade profissional do (a) pescador (a): “(...) eles não possuem garantias trabalhistas nem reservas financeiras e dependem da pesca para o sustento da família.” A autora demonstra ainda, com relação aos recursos econômicos, as seguintes ponderações: “(...) a falta de recursos econômicos é percebida com muita preocupação em relação à saúde, em função das dificuldades de atendimento pelo setor público, de aquisição de medicamentos e de tratamentos médico-hospitalares de maior complexidade.” (BERCINI, 2002, p. 221)

A força de trabalho dos profissionais da pesca possui uma ligação forte com o que é físico, com o corpo, que é interpretado como um instrumento vital de trabalho. 69% dos pescadores entrevistados na localidade de Atafona citaram, de maneiras diferenciadas, a questão do trabalho diretamente ligada à saúde, ou seja, quando o instrumento de trabalho não consegue desempenhar suas atividades com intuito de sobreviver, de se reproduzir enquanto trabalhador, este é considerado como doente, sem disposição e capacidade para o trabalho. Segundo Queiroz (1993) as doenças entre as classes sociais populares tendem a ser percebidas quando há dificuldade no desenvolvimento social do indivíduo, principalmente com relação ao desempenho no trabalho e na obrigação de cumprimento de tarefas para uma “integração à sociedade”, ou seja, a ideia de saúde “é alienada ao indivíduo e apropriada pelo meio social via capacidade de trabalho” (QUEIROZ, 1993, p. 273).

Com relação a esta “alienação” do trabalhador, enquanto sujeito inserido em questões fragmentadas e criadoras de ideias, culturas e “fetiches do capital”, Marilena Chauí, no seu livro “Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas” (CHAUI, 2007) se coloca da seguinte maneira ao falar de cultura popular e alienação:

(...) se paradoxalmente, o trabalhador contemporâneo, enquanto trabalhador individual se reconhece no produto imediato, é porque não pode reconhecer-se como trabalhador coletivo que efetivamente é, pois não só lhe escapa a realidade da classe, mas sobretudo, lhe escapa o significado global do processo produtivo como valorização e o significado parcial desse mesmo processo enquanto decisão e controle do capitalista e de seus gerentes. (...) para o capital, todos os produtos assumem a forma de mercadoria integrada no movimento de autovalorização (...) aceitar a autonomia de cada uma das figuras, emprestando, a cada momento do processo de trabalho, o traço

básico do processo capitalista de produção na sua totalidade. O capital perde sua medida social para que suas partes adquiram uma medida natural representada. A terra passa, então, a gerar naturalmente a renda; os instrumentos, a fabricar o lucro, e o trabalho, a produzir salário. Formam-se assim os fetiches. (CHAUI, 2007, p. 73).

O trabalhador se apresenta enquanto parte, mas sem, muitas vezes, identificar-se com o que é coletivo, e sim, com o que é particular, em busca de interesses individuais, de sustento do que é privado, questão esta, valorizada na sociedade capitalista. Alguns relatos bastante fortes nesta pesquisa com os pescadores da localidade de Atafona demonstram descrédito de qualquer tipo de organização, associação e com a Colônia de Pescadores da região: “não sou e nunca serei associado a nenhuma colônia. Todo mundo só quer tirar para o seu lado, moça! Esta pesquisa que vocês estão fazendo, por exemplo, o que vai vir de bom pra nós? Que proveito a gente tira disso?” (fala de um dos pescadores entrevistados).

Os pescadores entrevistados buscam “melhoria” e bem estar, qualidade de vida e alguns não quiseram realizar os exames de saúde e se recusaram a colaborar com a aplicação dos formulários, pois estão cansados de pesquisas, de associações. Um dos relatos dos pescadores entrevistados diz o seguinte sobre estas tentativas de organizações coletivas: “não dá certo não! O povo quando vai nas reuniões da colônia é só para comer os lanches, se tiver lanche vai muita gente, assim vai!”

As diversas dimensões, identificadas neste processo apresentado, se mostraram bastante complexas e esta apatia, acomodação e descrédito da população relacionada a diversas questões de mobilização e engajamento em atividades coletivas e/ou comunitárias, se mostraram com bastante frequência nas falas dos pescadores entrevistados.

Outra constatação é o elevado índice de dependência de bebidas alcoólicas, aspecto que revela números surpreendentes: 75% dos pescadores entrevistados verbalizaram o consumo de bebida alcoólica e alguns relatos mostraram que bebem para relaxar, “esquecer da vida difícil”, do cansaço do trabalho, para ter paz, tranquilidade, para se divertir, esquecer das “dores da alma” etc. Os entrevistados revelaram que bebem não apenas para escapar, mas para resistir, suportar, espécie de “cultura de resistência”. A bebida alcoólica se mostrou como uma “válvula de escape” destes trabalhadores.

Segundo Mariz (2004, p. 62), no contexto dos pescadores tradicionais, o álcool e outras drogas, estão “incorporados à cultura dos trabalhadores da pesca” e a utilização destas substâncias ajuda a dar coragem para enfrentar “situações de risco e de medo, assim como a religião”. Com relação ao uso e tráfico de substâncias ilícitas, por pescadores, alguns moradores da localidade de Atafona relatam situações na região, mas não estão muito dispostos a falar sobre o assunto, somente indicam que acontece, mas não informam com qual frequência e como acontece, por medo de serem prejudicados.

Mariz (2004) completa sua reflexão, ainda, informando que o álcool e drogas podem até servir como instrumentos de socialização na terra e enquanto trabalhando

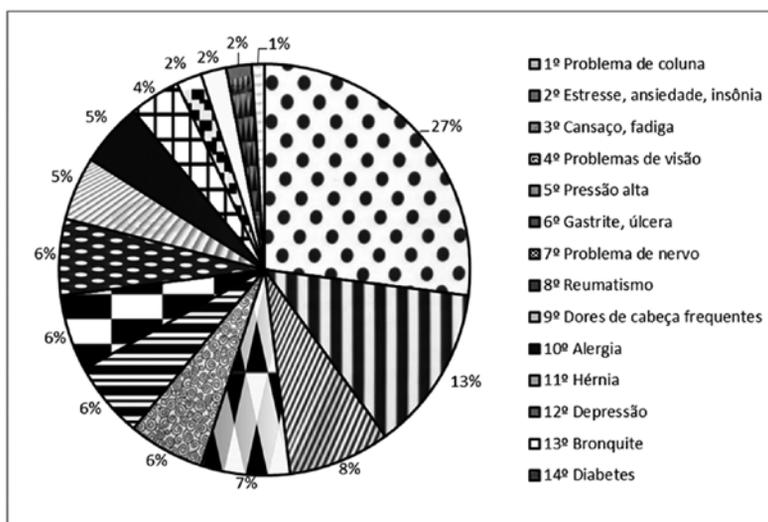
embarcado, o que torna a atividade ainda mais perigosa, já que o uso destas substâncias altera os sentidos e torna estes trabalhadores ainda mais vulneráveis à possibilidade de acidentes de trabalho.

A condição de trabalho destes pescadores se mostrou diretamente ligada a esta “vida difícil” relatada pelos entrevistados. De acordo com Viana (2009), cerca de 24.000 pescadores e pessoas ligadas ao setor morrem a cada ano por conta das condições de trabalho. O documento citou como condições precárias as seguintes características do trabalho no mar: muitos dias de mar, o reduzido espaço de circulação, a falta de manutenção dos equipamentos e a realização de movimentos repetitivos.

O Diagnóstico do Setor Pesqueiro do Rio de Janeiro (Acordo de Cooperação FAERJ/REDETEC) demonstrou, ainda, que os trabalhadores da pesca estão bastante propícios a sofrer com acidentes ligados a cortes e perfurações (utilização de facas, redes e anzóis constantemente no trabalho), queimaduras, ferimentos “por espinhos e dentes do pescado” (VIANA, 2009).

A pesquisa na localidade de Atafona destacou, com relação às doenças ligadas aos pescadores entrevistados, que o percentual relativo a problema de coluna (acometimento ortopédico) predominou (27%) sobre as demais doenças. Esse fato pode estar ligado à atividade braçal exercida na pesca, que exige constante flexão do tronco na movimentação de petrechos, deslocamento de carga de pescado na embarcação, descarga da produção e outros. O resultado indica a necessidade a adoção de medidas preventivas e, até mesmo, a prática sistemática de ginástica laboral durante o período de trabalho. O estresse, ansiedade e insônia ocuparam o segundo lugar, atingindo 13% da população entrevistada. Assim como, no referido diagnóstico, as doenças psíquicas e ligadas ao esforço físico se mostraram em destaque, conforme representado na Figura 3.

Figura 3 – Doenças declaradas pelos pescadores artesanais de Atafona, São João da Barra, RJ



Fonte: Dados do trabalho.

Resultados das Análises Clínicas dos Pescadores

Somente 10 dos 32 pescadores entrevistados foram fazer os exames laboratoriais na data marcada, na localidade de Atafona. A equipe do laboratório foi até a localidade para facilitar a locomoção dos pescadores e, mesmo assim, o número de amostras se mostrou bastante reduzido. Um dos motivos foi que muitos dos pescadores estavam embarcados e não puderam estar presentes na data marcada. Foram realizados, então, outros contatos com os pescadores para que eles pudessem realizar os exames no laboratório localizado em São João da Barra, mas mesmo assim não houve interesse. Uma das esposas de pescador que estava presente no dia da realização da coleta para os exames, deu o seguinte depoimento: “se vocês fizessem esta pesquisa com as mulheres, essa casa estava lotada de gente. Homem é muito mole, tem medo de exame, de ficar doente, foge quando vê uma agulha!”.

Dentre as 10 amostras de sangue coletadas, duas (20%) apresentaram níveis de colesterol elevados e quatro (40%) no limítrofe; o nível de colesterol elevado pode proporcionar o aparecimento de doenças cardiovasculares, como ataques cardíacos e trombozes cerebrais (AVC). De acordo com o Ministério da Saúde (2009; 2007) a principal causa de mortes de homens estão relacionadas às doenças isquêmicas do coração, como por exemplo, o infarto agudo do miocárdio (49.128 homens falecem por esse motivo); "as doenças cerebrovasculares foram a segunda causa de morte para os homens, com 45.180 óbitos. Na sequência, estão os homicídios (43.665) e o padrão de ocorrência de mais mortes de homens do que de mulheres repete-se em todas as regiões". O documento em questão (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009; 2007) mostrou, portanto, que os homens representam 60% das mortes no Brasil e que, em 2005, das mortes ocorridas (1.003.350) 582.311 foram de pessoas do sexo masculino. "A cada 3 pessoas que morrem no Brasil, 2 são homens. A cada 5 pessoas que morrem de 20 a 30 anos, 4 são homens".

Pode-se dizer que a maioria dos laboratórios consegue dosar as gorduras relacionadas ao Colesterol total, HDL-colesterol, LDL-colesterol e triglicéridios com um exame que os médicos costumam chamar de "perfil lipídico". Com relação à análise laboratorial dos pescadores de Atafona, duas amostras demonstraram valores elevados de triglicéridios e apenas uma mostrou glicemia elevada e possível ligação com diabetes.

Com relação ao hemograma, 20% das amostras, apresentaram moderada trombocitopenia (valores de plaquetas inferiores aos normais) e observou-se que apenas 1 pescador apresentou discreta leucocitose (valores de leucócitos superiores aos normais), com aumento do número de glóbulos brancos no organismo, por volume de sangue circulante, o que pode ser caracterizado como normal quando o indivíduo está exposto por exemplo, ao exercício muscular. Fora isto, a leucocitose está geralmente ligada à existência de um processo inflamatório caracterizado pelo início de combates a infecções ou por algum descontrole nas divisões celulares. Somente três das dez análises

laboratoriais apresentaram-se dentro dos níveis de normalidade.

A saúde do homem está em debate na atualidade, com a implantação de uma Política Nacional com um intuito de se vislumbrar uma "mudança de paradigmas" pela percepção naturalizada de que "homem não procura médico" que aquela esposa de pescador declarou. A busca da mudança de percepção da população do gênero masculino com relação ao cuidado com sua saúde é ainda um mito. É preciso, além da questão educacional de caráter preventivo, que os serviços públicos de atenção à saúde, estejam preparados para o acolhimento destes sujeitos. Esta política vem reconhecendo a existência de barreiras e de serviços precários e este já é um avanço, mas é preciso que este diagnóstico não fique somente no debate e na formulação de legislações, que são importantes. É preciso ir além e focar nas estratégias de ação. Há necessidade de estímulo a questões práticas respaldadas em prevenção e promoção da saúde de maneira com que os homens, de modo geral, não procurem serviços de saúde somente quando "não tem mais jeito", quando a doença já se encontra em estágio avançado.

“O peixe está na mesa!” (Considerações finais)

A constatação de um trabalho “concluído” é circunstância que faz retomar as angústias e dificuldades que se enfrenta quando se vai a campo fazer uma pesquisa e depois se analisa e relata o que ocorreu durante estas experiências. Como inicialmente destacado, não se sabe ao certo o que será encontrado; sabe-se que realidades diversas podem existir e “atropelos” no meio do caminho também. Como na saída do pescador para alto mar, não se sabe se a pesca vai ser farta ou não, a busca é que seja, mas não se tem certeza. A realidade é dinâmica e avaliamos este dado como positivo, caso contrário não seria expressivo fazer pesquisa, tudo poderia ser previsto, a vida não teria muita razão de ser.

Pode-se verificar que muitos dos dados que foram apresentados já se manifestaram como esperados, mas é preciso entender que, em se tratando de pesquisa com seres humanos, a “realidade” está muito ligada ao que dela nos permitem saber, entendendo-se que a realidade é uma eterna construção: “esta palavra realidade, deveria vir sempre cercada de aspas, porque ela é sempre aquilo que dela nos permitimos saber, segundo nossas crenças ou conceitos, nossas práticas e relações sociais (...) ela é sempre historicamente condicionada, além de ser, em boa medida, feita por nós.” (ATHAYDE et al., 2005, p. 63).

Procurou-se destacar representações sociais que os próprios pescadores e suas famílias trouxeram como algo importante nas suas vidas, nas falas e depoimentos coletados levando em consideração suas crenças e valores, acreditando-se que, antes do julgamento de valor, é preciso conhecer a realidade. Portanto, a intenção não foi a de se esgotar o tema proposto e sim deixar inquietações nos leitores sem demonstrar respostas prontas e acabadas, com uma visão de que este trabalho é somente um ponto de partida (“mas uma pesca em alto-mar”), para um longo caminho ainda a ser descoberto.

Referências

ATHAYDE, C.; MVBILL; SOARES, L.E. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. ISBN: 85-7302-668-5.

BAPTISTA, D.M.T.; SORIA, M.; SILVEIRA, M.L.; SILVA, M.R.; STORNI, M.O.T.; MANFRONI, V.M. (Orgs.). *Cidadania e Subjetividade*. 1. ed. São Paulo: Imaginário, v. 1, 1997.

BERCINI, L.O.; TOMANIK, E.A. *Aspectos sobre a saúde, ambiente e representações sociais na população de Porto Rico, Paraná*. 2002. (Apresentação de Trabalho/Seminário). Disponível em: <http://www.peld.uem.br/Relat2002/pdf/comp_social_econ_aspectos.pdf>. Acesso em: 12 set. 2012.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CLAUZET, M.; RAMIRES, M.; BARRELLA, W. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no litoral de São Paulo, Brasil. *MultiCiência*, v. 4, p. 1-22, 2005.

DI BENEDITTO, A.P.M. A Pesca artesanal na Costa Norte do Rio de Janeiro. *Bioikos*, PUC – Campinas, v.15, n. 2, p. 103-107, 2001.

DIEGUES, A.C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, v. 3, n. 2, p. 361-375, 1999.

DUARTE, P. *O ritual e os símbolos: a realização dos grafismos rupestres na região do município de Camalaú (PB)*. Dissertação (Mestre em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, 2010. 138p.

KUJAWSKI, G.M. Introdução à forma de pensar orteguiana. *Humanidades*, Brasília, v.2, n.9, 1984.

LANE, S.T.M.; CODO, W (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo, Editora Brasiliense, 2001. ISBN: 8511150234.

LLX & ECOANZOL. *Diagnóstico de Escolarização da Comunidade Pesqueira do Município de São João da Barra – RJ*. São João da Barra, 2010. 58p.

MARIZ, C.L. Embriagados no Espírito Santo: reflexões sobre a experiência pentecostal e o alcoolismo. *Antropolítica*, n.15, p.61-80, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Programa Nacional de Controle da Dengue*. 2012. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=23614>. Acesso em: 13 set. 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde (SVS/MS). *Diagnóstico da saúde da população masculina*, 2009. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspdetalhenoticia&id_area=124&co_noticia=10491>. Acesso em 13 set. 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde

(SVS/MS). *Diagnóstico Completo da Saúde do Homem*, 2007. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33353&janela=1 >. Acesso em 13 set. 2012.

NETO, J.D.; MARRUL FILHO, S. *Síntese da Situação da pesca extrativa marinha no Brasil*. Brasília: IBAMA/DIFAP-BSB; SBF/MMA. Jul. 2003. Disponível em: <www.ibama.gov.br/category/40?download=2448%3A.-p>. Acesso em: 12 set. 2012.

NETO, O.C. O trabalho de campo com descoberta e criação. IN: MINAYO, M.C.S. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Capítulo 2, pp. 51-66.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Nova Convenção da OIT busca melhorar as condições de trabalho de mais de quatro milhões de pescadores nas Américas*. 2009. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/content/nova-conven%C3%A7%C3%A3o-da-oit-busca-melhorar-condi%C3%A7%C3%B5es-de-trabalho-de-mais-de-quatro-milh%C3%B5es-de-pesc>>. Acesso em 13 set. 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Carta de Ottawa para La promoción y educación para la salud. *Revista de Sanidad y Higiene Pública*, 61, 129-139. 1987.

PAIOLA, L.M.; TOMANIK, E.A. Populações tradicionais, representações sociais e preservação ambiental: um estudo sobre as perspectivas de continuidade da pesca artesanal em uma região ribeirinha do rio Paraná. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n. 1, p. 173-180, 2002.

PERES, S.M.P.; BARBOSA, S.R.C.S. Ilhabela, SP: Transformações socioambientais e processos saúde-doença. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 4., 4-6 jun. 2008, Brasília.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2010: A verdadeira riqueza das Nações*. Washington D.C.: ONU, 2010. 237p. ISBN: 9780230284456 90101.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA BARRA. *Plano Diretor Participativo do Município de São João da Barra*. 2006. Lei Municipal N° 50/2006, revisado pela municipal N° 115/2008 que estabelece o zoneamento do território municipal de acordo com as perspectivas do município para o desenvolvimento do uso do solo.

QUEIROZ, M.S. Estratégias de consumo em saúde entre famílias trabalhadoras. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 272-282, jul./set. 1993.

RAMALHO, C.W.N. *Ah, esse povo do mar: um estudo sobre o trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana*. Campinas, SP: Polis, 2006. 175 p.

RICHARTZ, B. *Planejamento de carreira na função de supervisão de vendas como recurso para o aperfeiçoamento da atividade profissional*. Monografia (Especialista em Orientação Profissional) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciência da Educação. 2006, 63 p.

SANTOS, C.J.B. *Geonímia do Brasil: a padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios Fluminenses*. Tese (Doutorado em Ciências em Geografia) -

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2008. 340p.

SARTI, C.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

SETEC/MEC. *Ofício circular nº 48/2009 DPEPT/SETEC/MEC*. Brasília, 23 de abril de 2009. Dispõe sobre o convite as Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica para a apresentação de projetos no âmbito dos Núcleos de Pesquisa Aplicada na área de pesca e aqüicultura. 14 p.

TREVISAN, L.N.; JUNQUEIRA, L.A.P. Construindo o “pacto de gestão” no SUS: da descentralização tutelada à gestão em rede. *Ciênc. saúde coletiva* [online], v.12, n.4, p. 893-902, 2007. ISSN 1413-8123.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (TCE/RJ). *Estudos socioeconômicos dos municípios do Estado do Rio de Janeiro*: Maricá, 2011. 91 p.

VIANA, M (Org.). *Diagnóstico da cadeia produtiva da pesca marítima no Estado do Rio de Janeiro*: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: FAERJ : SEBRAE-RJ, 2009. 200 p. ISBN 978-85-87533-09-8

Artigo recebido em: 13 set. 2012
Aceito para publicação em 19 mar. 2013